

PROTAGONISMO JUVENIL: POSSIBILIDADES A PARTIR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

JUVENILE PROTAGONISM: POSSIBILITIES FROM UNIVERSITY EXTENSION PROGRAMS

Natalia Krein Oliveski **1**

Vitor Macedo **2**

Lovani Volmer **3**

Resumo: A leitura, nesses tempos em que somos bombardeados por informações e o pensamento faz-se raro, apresenta-se como alternativa que ajuda o leitor a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar, a expandir seus horizontes. O presente estudo discute, nesse sentido, práticas docentes alinhadas às necessidades de jovens do século XXI a partir da inserção de acadêmicos do curso de Letras em um Projeto de Extensão Universitária, o Jovem Aprendiz. Assim, no intuito de aguçar e aprimorar o desejo de alunos adolescentes pela leitura e ampliar a sua competência linguística, aplicou-se um projeto de leitura e produção textual, mais especificamente de crônicas, com uma turma de alunos, com idade entre 15 e 19 anos. As análises indicam que quando os alunos têm clareza dos objetivos e veem sentido naquilo que lhes é proposto, as chances de os objetivos de aprendizagem serem atingidos se ampliam, trazendo subsídios interessantes tanto para a formação docente como para a permanência dos jovens na escola.

Palavras-chave: Aprender com sentido. Protagonismo Juvenil. Leitura. Produção textual. Formação Docente.

Abstract: Reading, in times where we are bombarded with information and thinking becomes rare, presents itself as an alternative which helps readers to self-construct, imagine new possibilities, dream, and expand their horizons. In this context, the present study discusses teaching practices aligned to teenagers' necessities in the 21st century through the insertion of scholars of the Languages course in a University Extension Program, the Jovem Aprendiz. Therefore, with the intention of stimulating and developing teenage students' desire to read and improving their reading skills, a reading and writing project was executed utilizing chronicles with a class of students between the ages of 15 and 19. The analysis indicates that when students fully comprehend the objectives and perceive what is being proposed as purposeful, the chances of the learning objectives being realized are increased, which brings interesting resources to teacher education, as well as to the permanence of teenagers in school.

Keywords: Meaningful Learning. Juvenile Protagonism. Reading. Writing. Teacher Education.

-
- 1** Graduada em Letras pela Universidade Feevale. Atualmente é Head Teacher em Escola da Rede privada da região do Vale dos Sinos. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3357940886487976>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4333-408>. E-mail: oliveskinatalia@gmail.com
 - 2** Graduado em Artes Visuais pela Universidade Feevale. É mestrando em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale, Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2027610201834185>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4485-5655>. E-mail: vitor.macedo_@hotmail.com
 - 3** Doutora em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), graduada em Letras pela Unisinos e em Pedagogia. É professora pesquisadora e extensionista na Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3473440605906520>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-1005>. E-mail: lovaniv@feevale.br

Considerações iniciais

As atuais mudanças sociais e econômicas impactam fortemente na juventude. A adolescência é um período de risco para a vulnerabilidade social, uma vez que os jovens podem ficar expostos a questões, como violência, uso de drogas, evasão escolar e dificuldade de acesso ao mercado laboral, este último um momento crucial e um marco na entrada dos jovens na vida adulta. A separação entre educação e trabalho, que dificulta a inserção do jovem no mundo produtivo, e os altos índices de violência e mortalidade juvenil são os principais desafios para aqueles que se dedicam ao trabalho com esse público (ABRAMO, 2014).

Considerando esse contexto, a Universidade Feevale, instituição comunitária localizada em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, desenvolve, desde 2007, o projeto de extensão Jovem Aprendiz Feevale, no intuito de propor intervenções, com enfoque interdisciplinar, que contemplem o jovem em toda sua complexidade, contribuindo para a efetividade das políticas públicas para a juventude. Para a sua efetivação, o Projeto conta com oficinas de Informática, Psicologia e Língua Portuguesa, as quais são ministradas por acadêmicos dos respectivos cursos, sob orientação de um/a professor/a extensionista para cada área. Assim sendo, o Jovem Aprendiz Feevale é também um espaço de formação para os acadêmicos, consolidando a indissociabilidade com o ensino.

Nessa perspectiva, apresentamos um relato de experiência realizada em 2019, a qual vislumbra possibilidades de práticas docentes alinhadas às necessidades do século XXI, planejadas e aplicadas por acadêmicos do curso de Letras. Com o objetivo de aguçar e aprimorar o desejo de alunos adolescentes pela leitura e, assim, ampliar a sua competência leitora, foi aplicado um projeto de leitura e produção textual, mais especificamente de crônicas, em uma turma de alunos do Projeto Jovem Aprendiz.

Contextualizando...

Práticas extensionistas estão presentes há quase um século dentro das universidades no Brasil e refletem, diretamente, na gestão e distribuição de tempo, recursos e espaços acadêmicos para a realização destas atividades. Diante dessas necessidades, nasceu, em 2013, o Programa de Apoio à Extensão Universitária, que busca propor novos parâmetros e diretrizes para as universidades Públicas e Comunitárias – caso da Universidade Feevale, instituição onde se desenvolveu a prática a ser relatada na sequência –, na expectativa de fomentar e aprimorar programas com ênfase na Inclusão Social e formação dos alunos.

Buscando uma visão panorâmica da relação entre extensão, universidade e comunidade, observamos uma interação humanizada e voltada às particularidades intelectuais, sociais e culturais de cada indivíduo, concomitantes às demandas da sociedade e políticas públicas. As diretrizes para a relação da universidade com a sociedade orientam-se para: - impacto social, pela ação de superação dos problemas sociais, contribuição à inclusão de grupos sociais, ao desenvolvimento de meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimento e à ampliação de oportunidades educacionais, facilitando o acesso ao processo de formação e de qualificação; relação multilateral com os outros setores da sociedade, pela interação do conhecimento e experiência acumulados na academia com o saber popular e pela articulação com organizações de outros setores da sociedade, com vistas ao desenvolvimento de sistemas de parcerias interinstitucionais; contribuição na formulação, implementação e acompanhamento das políticas públicas prioritárias ao desenvolvimento regional e nacional; atendimento à comunidade ou setor, com vistas à futura autonomia das ações (MEC/Sesu, 2016, s/p).

Visando ao alinhamento de todas essas questões voltadas ao desenvolvimento socioeducacional, o projeto Jovem Aprendiz Feevale vem sendo desenvolvido como extensão na Universidade Feevale desde 2007, tendo, desde então, contribuído para a formação e a inserção de mais de 700 aprendizes no mundo do trabalho. Na prática, os participantes têm, de março a julho, cinco turnos de oficinas (três turnos de Informática, um de Psicologia e outro de Língua Portuguesa), nas dependências da Universidade Feevale. Essas oficinas, cabe considerar, são planejadas pelos professores extensionistas do projeto e os acadêmicos bolsistas, que são os responsáveis pela

aplicação das aulas. A partir do mês de agosto, gradativamente, passam a ir um turno da semana para a empresa que os contratou como jovem aprendiz e, nos demais, participam das oficinas, até que, a partir de novembro, passam a ir todos os dias à empresa. Dessa forma, a inserção no mundo do trabalho dá-se aos poucos e com suporte do Projeto.

O Jovem Aprendiz Feevale propõe uma formação que vá além da técnica, propiciando aos jovens a reflexão sobre si e o outro em sua inserção laboral. O enfoque multidisciplinar do projeto possibilita a discussão de diferentes temáticas pertinentes à inserção do adolescente no mundo do trabalho e a sua transição para a vida adulta. A capacitação técnica e a formação integral são consideradas fundamentais para que os sujeitos possam vir a ter uma qualificação profissional e desenvolvimento pessoal.

Em 2012, o Jovem Aprendiz Feevale passou a ser certificador do programa Jovem Aprendiz do Ministério do Trabalho - MTE, uma vez que, com base no decreto de lei número 5.598 de 2005, todos os estabelecimentos de médio e grande porte estão obrigados a empregar aprendizes matriculados em programas de aprendizagem certificados. O Projeto vem alcançando, sistematicamente, o objetivo de inserção dos jovens no mercado de trabalho, sendo que, em 2019, por exemplo, os 60 jovens beneficiados foram contratados como aprendizes por empresas parceiras, sendo três deles aprendizes na própria instituição. A inclusão no mercado de trabalho dos jovens beneficiados, bem como as mudanças que isso produz na sua vida pessoal, profissional e familiar, justificam a importância deste projeto para a comunidade como um todo. Além disso, verifica-se que a participação em visitas técnicas a empresas da região, o contato direto com o mercado de trabalho e o conhecimento do ambiente acadêmico vêm abrindo novas perspectivas para os jovens, que ampliam, também, suas possibilidades de inserção sociocultural.

A docência no século 21

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC -, documento normativo para as redes de ensino e referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares, prevê competências para o século XXI, as quais nasceram de uma relação com a tecnologia, mas não se prendem exclusivamente a ela. Ideias relacionadas à exploração do espírito coletivo e colaborativo, ao pensamento crítico e criativo, ao repertório cultural e à comunicação são alguns dos balizadores da Base e que deverão, por exemplo, nortear a prática dos agora acadêmicos e futuros docentes nas escolas.

Ser professor, atualmente, exige, por exemplo, competências alinhadas com os novos tempos, em que, junto com o conhecimento, faz-se necessário considerar quem são esses sujeitos alunos, como aprendem mais e melhor, como se pode contribuir para que desenvolvam suas competências e, muitas vezes, como fazer para que, efetivamente, tenham acesso ao mundo. Muito mais do que ser um mediador entre o aluno e sua capacidade de aprendizagem, o professor, hoje, precisa ajudá-lo, da melhor maneira, a encontrar seu caminho.

Responsabilidade social e crítica, consciência cultural, criatividade, iniciativa e empreendedorismo, adaptabilidade, liderança, inteligência emocional e negociação são algumas das competências discutidas em fóruns ao redor do mundo, das quais o programa Jovem Aprendiz Feevale se faz valer para melhor colaboração na vida dos jovens, desde o primeiro contato. Para além disso, atualmente, discute-se muito a estabilidade profissional. “Sou ou serei feliz com a profissão que desejo?”.

Brilhantemente, muitas universidades brasileiras possibilitam aos acadêmicos, durante a sua formação, práticas na docência, permitindo vivências e a reflexão sobre o fazer pedagógico, com acompanhamento e supervisão necessários. Essa imersão contribui na formação do futuro professor, contribuindo no processo de formação profissional e garantindo um melhor desempenho docente, alinhado aos objetivos de aprendizagem e atento às necessidades dos alunos.

Por que trabalhar leitura com os jovens?

Ler é um ato de compreensão e alargamento de experiências essenciais ao homem, é a

tentativa de o leitor, elaborando relações entre seu conhecimento e as palavras inscritas no texto, construir significados, na tentativa de fugir de uma sociedade que apenas reproduz e copia. Lemos para construir saberes, para fruição, para nos manter informados, para entender o mundo e a nós mesmos. Nesse sentido, a leitura apresenta, a nosso ver, a capacidade de humanizar, diferenciando o indivíduo leitor de entre os demais, confirmando no homem

aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 1995, p. 249).

Para que isso se efetive, porém, não basta identificar o significante isoladamente, é preciso compreender o sentido do texto como um todo; o que se compreende, por exemplo, não são as palavras em sua disposição gráfica, mas o pensamento em movimento em campos semânticos por meio do jogo de várias sintaxes. Ser leitor, nesse sentido, vai além de possuir um hábito ou atividade regular, é operar um trabalho produtivo, reescrever, alterar sentido, é ser transformado, é o próprio meio pelo qual nos organizamos.

Assim sendo, ao se reconhecer ou não, ao concordar ou discordar, ao encontrar conforto ou se perturbar com o texto literário, por exemplo, o homem vive aquelas questões e se constitui, cada vez mais e de forma profunda, um ser humanizado. Ademais, na contemporaneidade, o indivíduo tem cada vez menos experiências, pois vive-se demasiadamente depressa e de forma fragmentada, o que impede uma conexão significativa entre um acontecimento e outro. Isso faz com que a construção da significação seja afetada, por conta de uma informação ser rapidamente substituída por outra (LARROSA, 2002).

A literatura, contudo, não é lição no sentido doutrinário, não é um ensinamento a ser absorvido ou um saber a ser assimilado. Ela se configura, outrossim, espaço para que o leitor se abra a infinidade de mundos possíveis, fugindo dos totalitarismos, dos reducionismos, da homogeneidade aos quais o mundo real parece conduzir aqueles que não se colocam como sujeitos da palavra. Alberto Manguel (2008) reforça essa possibilidade da literatura ao assegurar que

as histórias não podem nos proteger do sofrimento e do erro, de catástrofes naturais ou humanas, de nossa própria cobiça suicida. [...] as histórias podem nos oferecer consolo para nosso sofrimento e nomes para nossa experiência. As histórias podem nos dizer quem somos, [...] como podem nos ajudar a imaginar um futuro em que, sem finais felizes e confortáveis, possamos continuar vivos e juntos nesta terra tão devastada (MANGUEL, 2008, p. 130-131).

É a literatura, de uma forma simbólica, que vai retratar a humanidade e seus comportamentos, valores e sentimentos, os quais, revelados e discutidos na linguagem literária, não deixam o leitor incólume. Nesse viés e considerando, como nos traz Volmer (2015), que a literatura não é uma experiência separada da vida, pois permite que digamos o que talvez não saibamos expressar e, ao mesmo tempo, nos fala de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e, muitas vezes, a nós mesmos, selecionamos o gênero textual crônica para o desenvolvimento do projeto de leitura e escrita com os jovens.

Os gêneros textuais

são os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. [...] São os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Os gêneros são, assim, formas de comunicação, que atendem as necessidades de expressão do ser humano, moldados pelo contexto histórico e social das diversas esferas da comunicação humana. Em função disso, são dinâmicos e podem se modificar ao longo do tempo, isto é, novos gêneros podem surgir a qualquer momento, enquanto outros podem desaparecer.

Trabalhar com gêneros significa, assim, analisar os aspectos formais do texto, mas também sua função, o suporte em que são veiculados, o contexto em que circulam e a ação de linguagem que efetivam nos contextos sociais em que ocorrem (abordagem funcional). Significa, além disso, ensinar os alunos a usá-los (eles devem aprender a ler os gêneros presentes na vida social e compreender sua função, sua utilidade, seus objetivos e seu alcance, assim como também a escrever diferentes gêneros, para tanto, precisam saber escolher o gênero adequado à situação social e à ação de linguagem - quanto ao conteúdo, à forma e ao estilo de linguagem) (COSTA VAL, 2006).

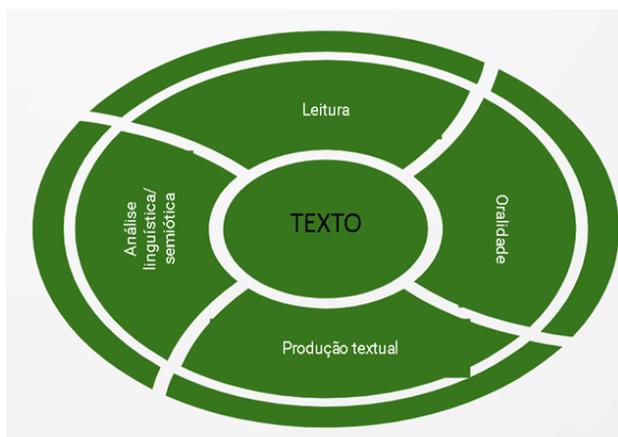
Partindo dessa premissa, elaboramos o projeto de leitura e produção textual a ser descrito na seção que segue.

Jovens protagonistas: um olhar sobre a prática

No contexto educacional atual, busca-se, cada vez mais, um ensino contextualizado e conectado às reais necessidades dos alunos, considerando as suas especificidades. A avaliação, por sua vez, mais que uma nota ou instrumento de poder, apresenta, tanto ao professor como ao aluno, subsídios para o planejamento das etapas seguintes. Assim, considerando se tratar de um grupo de jovens não leitores¹ e a importância da leitura literária na constituição do sujeito, duas acadêmicas do curso de Letras aplicaram, no mês de setembro de 2019, um projeto de leitura e produção textual, mais especificamente de crônicas, com uma turma de 33 alunos no Projeto Jovem Aprendiz, com idade entre 15 e 19 anos.

Pretendia-se aguçar e aprimorar o desejo dos alunos adolescentes pela leitura e ampliar a sua competência linguístico-textual. Para tanto, consideraram-se as capacidades de reconhecimento, compreensão e produção textual de acordo com as peculiaridades estruturais e estilísticas do gênero, conforme prevê a BNCC (2017). Cabe considerar que o texto e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem são o centro da unidade de trabalho do componente curricular Língua Portuguesa na Base, como explicita a Figura 1, que segue.

Figura 1. Eixos Temáticos



Fonte: dos autores (2023).

1 Para definição do que é ser ou não leitor, utilizaram-se os parâmetros do Retratos da Leitura no Brasil (2015, p. 21): “leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”; “não leitor: é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses”. Esse levantamento foi realizado com os jovens do Projeto no início do primeiro semestre de 2019 e nenhum dos estudantes considerou ser leitor.

O texto é tão importante porque, conforme Koch (2015, p. 11), é “a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto”. Nessa perspectiva, foi escolhido o gênero crônica, dada sua densidade e brevidade, marcas características desse texto que mobilizam o leitor. Os flagrantes da vida humana expostos em um texto breve, que pode ser lido em um espaço curto de tempo, justificam sua escolha e importância para o projeto relatado e para qualquer outro que busque o enriquecimento da leitura literária e uma mediação efetiva. As crônicas podem ser pensadas e aproveitadas por nós como recortes breves da vida, nos quais os indivíduos narrados representam o universo humano, a partir dos quais tomamos conhecimento de nós mesmos e do mundo.

O desenvolvimento das atividades consistiu, primeiramente, na distribuição aleatória das crônicas *Cem Cruzeiros a mais*, de Fernando Sabino; *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo; *Cobrança*, de Moacyr Scliar; *Da arte de nascer e viver*, de Annibal Augusto Gama, aos alunos, divididos em quatro grupos, para que as apresentassem, de maneira criativa, aos demais.

Os alunos demonstraram-se engajados e curiosos em relação à participação dos outros grupos. O resultado foi muito interessante; três grupos fizeram uma encenação e um construiu um poema sobre a crônica recebida.

Figura 2. Representação das crônicas



Fonte: dos autores (2019).

Após as apresentações, os alunos retornaram aos seus grupos para averiguar se a história que haviam representado tinha alguma relação com o mundo real ou se fazia parte apenas de um mundo criado pelas palavras. As conclusões de cada um dos grupos foram, com os alunos em círculo, socializadas. Todos foram unânimes em suas respostas, ou seja, como disse um dos jovens, “essas histórias poderiam acontecer com qualquer um de nós”. Ao serem indagados do porquê, trouxeram aspectos do cotidiano para ilustrar. Por fim, uma das acadêmicas perguntou se já tinham lido textos com essas características e apenas uma aluna respondeu que sim - em sua escola, havia um projeto de leitura de crônicas, que depois eram adaptadas para curta-metragem. Então, a acadêmica, após elogiar a iniciativa, perguntou: “Mas o que mesmo é uma crônica, Ana?” Essa mesma aluna, então, explicou, meio insegura: “É, deixa eu ver, uma história que tem relação com a realidade, alguma coisa que aconteceu, específico. Ah, também pode ser engraçado, ter humor.”. A

acadêmica, então, perguntou se os textos que haviam lido e encenado tinham essas características e todos afirmaram que sim. Chegou-se, pois, no coletivo, à conclusão de que se tratava do gênero textual crônica. Assim terminou aquela oficina, que teve três horas de duração.

No encontro seguinte, inicialmente, cada grupo recebeu o texto “Na Escuridão Miserável”, de Fernando Sabino, em partes. A tarefa inicial era organizar o texto na sequência que considerassem a adequada para que fizesse sentido a narrativa. A seguir, o texto foi lido em voz alta – os alunos se voluntariaram para as personagens e uma das acadêmicas fez a voz do narrador.

Em seguida, os alunos foram convidados a responder um questionário virtual *Google Forms*, o qual pode ser acessado em <https://forms.gle/Y7p6ncACbR7irZ5H6>, para averiguar se haviam compreendido a temática do texto e o seu gênero textual. Concomitante às respostas, ocorreu um diálogo, informal, com perguntas gerais acerca da obra e de seu significado na atualidade. Após a leitura e o debate da crônica, o referido gênero foi apresentado ao grupo, com suas características e propriedades específicas. A seguir, para fechamento das características do gênero, foi proposto um jogo online no site *Kahoot*, disponível em https://create.kahoot.it/share/exercicios-de-fixacao/aacde8e6-ba57-43e5-a8ba_538007eaad8a, permitindo a interação e descontração da turma.

Compreendidas as características do gênero, a etapa seguinte foi de produção textual: em duplas, os alunos deveriam produzir uma crônica, considerando as seguintes etapas:

- 1) planejamento: seleção de informações e organização das ideias; coleta de material, fatos, ideias e observações; fazer anotações.
 - 2) tradução de ideias em palavras: redação da primeira versão do texto.
 - 3) revisão: ler o material elaborado (leitor de si mesmo); leitura crítica; verificar a conexão entre as ideias, adequação linguística, a fim de tornar o texto claro, coeso e coerente.
 - 4) editoração: passar a limpo o texto; dar uma forma para torná-lo público; revisar novamente.
- A Figura 3, que segue, ilustra esse momento de produção.

Figura 3. Produção da turma



Fonte: dos autores (2019).

Após a conclusão dos textos, foi proposto que uma dupla lesse o texto de outra dupla, para verificar se estava de acordo com o que fora estudado. Para essa etapa, deveriam seguir o seguinte roteiro de análise: 1) O texto possui título criativo? 2) Trata-se de uma crônica? Por quê? 3) As ideias apresentam uma sequência lógica ordenada? 4) O texto apresenta adequação linguística? 5) Sugestões. Concluídas as análises, as duplas discutiram as suas percepções sobre os textos e, sempre que consideraram necessário, as sugestões de melhorias foram implementadas.

No encontro seguinte, as crônicas foram lidas oralmente pelos grupos. Era evidente o brilho no olhar e a satisfação de cada um. Foi um momento leve, descontraído e de muitas trocas: as temáticas das narrativas suscitaram discussões acerca da realidade que nos cerca, em especial no que se refere ao preconceito, à depressão, aos perigos e à hipocrisia cibernéticos. Muito mais que escrever e ler textos, os alunos tiveram a possibilidade de, por meio das crônicas produzidas, trazer seu mundo, suas preocupações, seus anseios, sua realidade para a sala de aula e compartilhá-la, discuti-la com seus pares, jovens que, apesar das suas diferenças, têm muito em comum. Dentre as temáticas abordadas, destacamos: Todos os estudantes postaram suas produções em um mural online, o qual pode ser acessado em <https://padlet.com/oliveskinatalia/2mspvr2k9532>.

Para as acadêmicas, futuras professoras, essa etapa se mostrou de muitas aprendizagens, pois, considerando que os alunos aprendem com o que eles fazem e não com o que os professores fazem, foram as mediadoras do processo. Ficou evidente a importância de um planejamento que considere os alunos e seu protagonismo, que faça sentido a eles para que não sejam meros executores ou cumpridores de tarefa.

Considerações Finais

Analisando a prática e dialogando com as reais necessidades do processo ensino-aprendizagem no século XXI, concomitante às exigências da BNCC, é notável a importância de atividades que promovam o autoconhecimento e olhar crítico dos alunos, para que, assim, reconhecendo-se como sujeitos ativos dentro de uma sociedade também ativa e exigente, possam tornar-se capazes de realmente fazer a diferença nos meios em que estiverem, principalmente no universo tão vasto, e ao mesmo tempo disputado e competitivo, como o mercado de trabalho. É preciso continuar fomentando as capacidades criativas, inovadoras e empreendedoras que esses jovens têm, podendo, então, contribuir na sua vida pessoal e profissional.

O trabalho, atividade fortemente articulada à formação e transformação das identidades dos sujeitos, apresenta-se como um problema relevante na vida dos jovens, especialmente daqueles em situação de vulnerabilidade. Diante das desigualdades sociais que permeiam a sociedade brasileira, muitos jovens não têm acesso ao trabalho, ao mesmo tempo que dele dependem para conseguir alteração na posição social em que se encontram, minimizando as diferenças. Na perspectiva de assegurar a formação e inserção profissional do jovem, com particular atenção ao acesso e permanência na escola, várias leis foram construídas, sempre com a preocupação de não fomentar o trabalho precoce.

Visando à união entre elementos essenciais para a construção e o reconhecimento do sujeito e as aplicações em sala de aula, atividades como a relatada contribuem sobremaneira no processo de formação dos estudantes, uma vez que os faz perceber, pela leitura, elementos da sociedade atual e até mesmo de suas comunidades. Além disso, ao trabalhar com crônicas, por exemplo, permitiram-se conexões com o cotidiano dos alunos, jovens, que não só leram e escreveram textos como atividade mecânica, mas leram e escreveram sobre si e sua forma de ver o mundo de que fazem parte, com sentido e protagonismo.

Quando pensamos em formação acadêmica, é imprescindível observar para o tanto que possibilidades como esta contribuem, de fato, para o desabrochar de um/a professor/a, ainda que em formação. Muito além de um espaço de compartilhamento e experiências, um projeto de extensão tem o poder de permitir, ao longo de sua existência, perspectivas diferentes – nem por isso menos importantes umas do que as outras –, acerca do mundo e tudo o que nele há, afinal, trabalhar com pessoas, em especial jovens, e compartilhar conhecimentos é ter em nossas mãos a oportunidade de contribuir e melhorar a sociedade. Ainda, cabe destacarmos o quanto essas vivências trazem subsídios interessantes tanto à formação docente como à permanência dos jovens na escola.

Referências

ABRAMO, Helena. **Estação juventude: conceitos fundamentais** – ponto de partida para uma

reflexão sobre políticas de juventude. Brasília: SNJ, 2014.

BRASIL (2021). **Edital PROEXT- 2016**. Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17188-proext-01-2016-edital&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 set. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 10 set. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed., março 2016. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar/abr 2002, n.19, p.20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

VOLMER. Lovani. **Mostrar? Esconder? Seduzir?** O papel do narrador em obras do PNBE 2010. Tese (Doutorado em Letras) Caxias do Sul -UCS, 2015.

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aceito em 13 de junho de 2023.